

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Mundos do trabalho: pensamento político-social heterodoxo (GEPENSAH)

FICHA DE LEITURA

Elaboração: José Carlos Mendonça
Data: 28/03/2007

DADOS DA OBRA

Título do texto: **O fetichismo da mercadoria: seu segredo** (15 p.)
Referência: MARX. Karl. O fetichismo da mercadoria: seu segredo. IN: **O Capital**: crítica da economia política. 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 79-93.

FICHA BIBLIOGRÁFICA

O autor inicia por afirmar que a mercadoria é simples na aparência, porém, quando analisada, “é cheia de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas” (p.79).

Define a mercadoria como qualquer coisa destinada a satisfazer necessidades humanas com suas propriedades, adquiridas por meio do trabalho humano.

Marx esclarece que o caráter misterioso da mercadoria não advém nem por ela conter valor-de-uso nem daquilo que determina o valor por três motivos:

- 1) todos os trabalhos úteis e as atividades produtivas são o resultado do funcionamento do organismo humano;
- 2) é perfeitamente possível identificar a quantidade de trabalho ou o dispêndio efetuado pelo organismo humano, e
- 3) O trabalho sempre adquire uma forma social quando humanos trabalham para humanos independentemente da forma.

Assim, o mistério reside exatamente no fato de que a forma mercadoria oculta a igualdade dos trabalhos humanos sob a forma de igualdade dos valores; a medida do dispêndio da força de trabalho toma a forma de quantidade de valor dos produtos do trabalho e as relações entre os produtores assumem a forma de relação entre os produtos do trabalho. (p. 80).

Portanto o fetichismo da mercadoria é fazer com que uma relação definida entre os homens apareça como sendo uma relação entre coisas.

Isto não significa que os homens estabeleçam relações entre os produtos do seu trabalho como valores por considerá-los enquanto aparência material de trabalho humano de mesma natureza. Na verdade, é o inverso pois a troca (que faz os produtos do trabalho adquirirem uma realidade socialmente homogênea) iguala como valores os diferentes produtos, fazendo com que trabalhos diferentes possam ser igualados por serem todos fruto do trabalho humano. E tal ocorre sem que saibam.

Esta forma específica de produzir mercadorias é para quem as produz algo natural e definitivo.

O que está oculto pelos movimentos visíveis dos valores relativos das mercadorias é a determinação da quantidade do valor pelo tempo de trabalho.

Para Marx, o desenvolvimento histórico das formas da vida humana segue um caminho oposto ao da sua análise científica, posto que esta última se inicia quando o primeiro já conclui os resultados de seu processo. Por esta razão é que a forma acabada do mundo das mercadorias – a forma dinheiro – consegue realmente disfarçar o caráter social dos trabalhos privados e, por consequência, também as relações sociais entre os produtores particulares.

A economia política se vale das formas dissimuladoras das relações reais para constituir suas categorias de análise (socialmente válidas para o modo de produção capitalista, mas não para outras sociedades).

A seguir o autor apresenta exemplos de formas de organização social (primitiva, feudal e socialista hipotética) nas quais não há dissimulação da relação entre pessoas relativamente aos seus trabalhos e aos produtos de seus trabalhos (p. 86-7).

Em seguida Marx explica que o Cristianismo é a religião adequada para este tipo de sociedade onde os produtores de mercadorias tratam seus produtos como mercadorias, comparando assim seus trabalhos individuais que são convertidos em trabalho humano homogêneo. A razão para isto é o culto do homem abstrato que faz o cristianismo (p. 88) e assim se manterá enquanto as condições práticas das atividades cotidianas dos homens não forem expressas clara e racionalmente como relações entre pessoas e entre as pessoas e a natureza.

Para tanto, será necessária uma base material ou condições materiais de existência que apenas virão após um penoso processo de desenvolvimento.

Marx afirma que a economia política também analisou o conteúdo do valor e sua magnitude e descobriu o conteúdo que ele oculta, porém o fez de forma incompleta, pois não se colocou a questão do por que ocultam tal conteúdo (representar o trabalho pelo valor do produto de trabalho e a duração do tempo de trabalho pela magnitude desse valor). Conclui que esta fórmula é típica de uma formação social em que o processo de produção domina o homem e não o inverso.

A forma mercadoria surgiu nos primórdios da produção burguesa e é assim a forma mais geral e elementar de tal processo embora tenha passado por uma evolução que a tornou dominante e sem esta característica de simplicidade.

O atributo material da mercadoria não é o seu valor-de-uso (que toda mercadoria precisa conter), mas sim o seu valor, pois apenas como valor-de-troca as mercadorias estabelecem relações umas com as outras.

“o valor-de-uso se realiza para as pessoas sem troca, por meio da realização direta entre a coisa e a pessoa, enquanto o valor só se realiza através da troca, isto é, por meio de um processo social” (p. 93).